



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**A arte involuntária de sonhar: o
devaneio em *Noites brancas***

*The involuntary art of dreaming: the
reverie in White nights*

Autora: Rosanne Bezerra de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Rio Grande do Norte, Brasil

Autor: Lucas José de Mello Lopes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Rio Grande do Norte, Brasil

Edição: RUS Vol. 12. Nº 20

Publicação: Dezembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.190625>



A arte involuntária de sonhar: o devaneio em *Noites brancas*

Rosana Bezerra de Araújo*
Lucas José de Mello Lopes**

Resumo: Neste artigo, exploramos os caminhos do protagonista (o sonhador) e sua extraordinária epopeia interior na novela de Dostoiévski. A temática do devaneio, interligada à descrição simbólica do espaço, compõem o foco de nossa análise. Conforme Bachelard, o devaneio serve como uma fuga para o enfadonho real que envolve o sujeito e o priva de vivenciar outras realidades fantasiadas por sua mente. Em particular, o devaneio na literatura funciona como um motor que propulsiona a criação de um *cogito*, a exemplo do que ocorre em *Noites brancas*. O protagonista é um sonhador, porém com clareza de consciência. Ao analisar o espaço da narrativa, constatamos que o imaginário urbano que envolve São Petersburgo (pontes, canais, rio, avenidas), aliado ao fenômeno das noites brancas no verão, alimenta o devaneio do protagonista.

Abstract: In this article, we are interested in exploring the paths of the protagonist (the dreamer) and his extraordinary inner epic in Dostoevsky's narrative. The theme of daydreaming intertwined with the symbolic description of space make up the focus of our analysis. According to Bachelard, daydreaming serves as an escape from the boring reality that surrounds the subject and deprives him from experiencing other realities created by his mind. Particularly in literature, reverie functions as an engine that propels the creation of a *cogito*, as we witness in *White nights*. The protagonist is a dreamer, but with a clear conscience. In analyzing the space of the narrative, we find that the urban imagery surrounding St. Petersburg (bridges, canals, river, avenues), combined with the phenomenon of the white nights in summer, feed the daydream of the protagonist.

Palavras-chave: Noites Brancas; Devaneio; Espaço; Sonhador
Keywords: White Nights; Reverie; Space; Dreamer

Introdução

O presente artigo aborda a novela *Noites brancas* (Белые ночи), de Fiodor Dostoiévski (1821-1881), escrita depois de *Pobre gente* e publicada em 1848. Tanto a atmosfera onírica das noites claras em São Petersburgo como o caráter sonhador do protagonista imprimem um forte tom romântico à narrativa que se opõe, naturalmente, ao Realismo russo da época. É o livro do autor que mais se aproxima do idealismo romântico, apresentando um enredo convidativo ao leitor desejoso de conhecer o universo do escritor russo. *Noites Brancas*, misto de idealismo e realismo, tem grande influência de E. T. A. Hoffman e do romantismo alemão. Prevalece, nas quatro noites, a dificuldade do narrador em ajustar o material e o espiritual. Não é por acaso que essa novela possui forte semelhança com o conto de Gógol “A avenida Niévski”, onde há a descrição do encontro de dois personagens quando caminham por essa avenida. Diferentemente da narrativa de Gógol,¹ em *Noites Brancas* o jovem rapaz (que se autodenomina “sonhador”) mantém-se otimista quanto ao desenlace da história. Sente-se eternamente grato pela vivência das quatro noites brancas, em presença da moça desconhecida, Nástienka (diminutivo de Anastasia no idioma russo), por quem se enamora, porém não é correspondido. O rapaz (sonhador) é preenchido por um sentimento de amor que ultrapassa a realização do seu desejo individual. Compreende que o coração de Nástienka pertence a outro e, no lugar de frustração, demonstra contentamento diante do êxito amoroso da moça e termina da mesma maneira como iniciara a novela: um caminhante solitário pelas ruas de São Petersburgo.

* Professora Doutora Associada do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando no Curso de Letras-Inglês e no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem na mesma universidade. Desenvolve pesquisas em Literatura Comparada e Teoria da Literatura. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos sobre Samuel Beckett (USP/CNPq); <http://lattes.cnpq.br/7328556088478313>; <https://orcid.org/0000-0003-4308-3881>; rosanne.araujo@terra.com.br

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com foco em Literatura Comparada. Bolsista CAPES; <http://lattes.cnpq.br/4610051634402950>; <https://orcid.org/0000-0002-8489-1730>; lucas_jose_28@hotmail.com

¹ No conto de Gógol, o artista Piskariov, jovem sonhador, depara-se com uma bela moça. Contudo, percebe que por detrás de sua aparência angelical esconde-se, na verdade, uma meretriz. O mundo idealista do jovem artista é profundamente abalado. Para manter o seu idealismo preservado, Piskariov decide pedir a moça em casamento, sonhando em oferecer-lhe uma vida respeitável. No entanto, diante de tal proposta, a moça ri e se recusa a trocar a sua vida “luxuosa de pecado” por uma rotina correta e enfadonha. Frustrado com a atitude da moça, o jovem vê o seu sonho transformado em desespero e, ao fim, suicida-se.

Uma possível justificativa, ou, ainda, um pretexto para o estudo de *Noites brancas*, deve-se ao fato de vivenciarmos uma época demasiado pragmática, uma realidade que exige razões e resultados objetivos em tudo o que realizamos. Nossa ação é voltada para a utilidade, praticidade e produtividade. O aspecto humano das relações vem ganhando um caráter burocrático, gerando, muitas vezes, uma descortesia. Nossa sociedade ocidental cada vez mais automatizada não tem mais tempo para a contemplação, a imaginação, o sonho, o amor. E quando dizemos amor não é exclusivamente no sentido romântico, mas, sobretudo, o amor pela humanidade, o sentimento de fraternidade e compaixão para com o outro. É nesse sentido que *Noites brancas* cai suavemente, como um céu extraordinário, trazendo uma promessa de felicidade na atmosfera etérea, no lugar da realidade cinzenta. Obviamente, refutamos a ideia de que a novela traz um enredo puramente otimista. Sabemos, muito bem, que Dostoiévski traz o trágico aliado ao fantástico em suas histórias. O drama se desenvolve na oscilação entre esses dois polos.

Justificamos, ainda, este presente estudo pelo fato de ser uma obra pouco explorada pela academia, conforme observou Gary Rosenshield,² em seu ensaio intitulado “Point of View and the Imagination in Dostoevskij’s ‘White Nights’”. O crítico afirma que *Noites brancas*, mesmo sendo considerada uma narrativa importante dos anos de juventude do autor, recebeu pouca atenção dos acadêmicos. Uns focaram nas implicações políticas (no caso dos críticos soviéticos), enquanto outros falaram da importância da novela para os seus futuros romances. O fato é que poucos se debruçaram sobre a obra com um estudo analítico da narrativa, a exemplo do próprio Rosenshield.

Posto isso, o foco de análise deste estudo concentra-se na temática do sonhador, explorando a simbologia e o espaço na novela como elementos que promovem o estado imaginativo do nosso protagonista, reforçado pelo espaço fantasmagórico da cidade, devido ao período das “noites brancas” de verão.

2 ROSENSHIELD, 1977.

1. Considerações acerca do sonhador

Antes de tudo, é relevante frisar que a temática do sonhador aqui estudada não é a do sonho onírico da noite quando dormimos, mas sim a do sonho desperto, ou seja, o devaneio de uma consciência desperta, o onirismo do dia, como veremos mais adiante.

Iniciemos nossa análise investigando o que caracteriza uma personalidade sonhadora. Entendemos por sonhador aquele que, por não se identificar com a realidade, obriga-se a encontrar um refúgio na sua imaginação, na reinvenção do real (daquilo que a sociedade toma por real) em conformidade com a sua visão de mundo. A fantasia e o devaneio tornam o sonhador seguro em seu mundo. Incapaz de seguir o ritmo da rotina prática e objetiva das pessoas, ele se refugia em sua redoma de possibilidades e rechaça o cotidiano banal. O sonhador busca ir além dos limites do mundo e aí está todo o seu drama.

São inúmeros os exemplos de personagens sonhadores. Como sabemos, a literatura une o real (a realidade do texto) à imaginação poética da humanidade. O devaneio na literatura promove a criação de um *cogito*, como vemos por meio de indivíduos que parecem sonhar acordados. Personagens que reinventam a realidade tal qual Segismundo, de *La vida es sueño*, ou o cavaleiro Dom Quixote, são alguns deles. Os versos de Edgar Allan Poe – “Should my early life seem/ [As well it might] a dream”³ – retirados do poema “A dream within a dream” põem-nos a refletir sobre o quão delicada é a camada que separa (ou não) o sonho da realidade. Por alguns instantes, o sonhador consegue se desvencilhar da carga da realidade e seguir de modo errante, sem um destino pragmático esperado. Eis o que acontece com o nosso protagonista-sonhador. Sem nome, apresenta-se na novela revelando as suas memórias, conforme temos no subtítulo de *Noites brancas*: “romance sentimental (das recordações de um sonhador)”. O personagem lida com a possibilidade de se encontrar em uma outra dimensão,

3 “Deveria minha vida pregressa parecer/ [como deve ser] um sonho” (tradução nossa).

vulnerável entre o tédio e a esperança, a melancolia e o otimismo. Naturalmente, a paisagem onírica e fantasmagórica de São Petersburgo, devido ao fenômeno das “noites brancas”, contribui para encorajar o seu espírito fantasioso.

Todo aquele que escreve, cria, lê e sonha busca tão somente instantes de felicidade e realização. Em *Noites brancas*, o protagonista revela-se um grande leitor, o que torna a sua mente propícia a mundos imaginados em meio aos seus devaneios. Há várias alusões que remetem ao sonho e à fantasia, dentre elas o poema “Minha deusa”, do poeta russo V. A. Jukóvski:

Agora a “deusa fantasia” (se a senhorita leu Jukóvski, querida Nástienka) já teceu com mão caprichosa sua trama dourada e foi traçar diante dele os arabescos de uma vida fabulosa, excêntrica, e, quem sabe, talvez o tenha transportado, com sua mão caprichosa, da calçada de granito magnífico pela qual ele volta para casa, ao sétimo céu de cristal.⁴

A ambientação excêntrica do poema revela e reforça o estado de espírito investigativo do nosso herói sonhador, receptivo a “leves explosões” de sua imaginação, pois mundos novos se abrem para ele por intermédio de suas leituras. Como bem indica o narrador, “um livro apanhado sem propósito e ao acaso cai das mãos do meu sonhador, sem que ele tenha alcançado a terceira página.”⁵ Na novela há alusões a E. T. A. Hoffmann, Walter Scott, A. S. Púchkin, e outros autores que preenchem a solidão do protagonista com um universo fabuloso em sua vida.

Inevitavelmente, o caminhante-sonhador de Dostoiévski remete-nos ao caminhante de Jean Jacques Rousseau. Em *Os devaneios do caminhante solitário*, escrito em 1777, Rousseau descreve dez caminhadas por campos em Paris. Por meio dessas meditações, tenta compreender qual o sentido da vida, a razão de sua existência. Nesse texto autobiográfico, o filósofo-caminhante, imerso em seu devaneio, formula questionamentos para alcançar um entendimento a respeito de sua solidão em contraposição ao coletivo social. São fragmentos que constataam a dificuldade de certos indivíduos (sonhadores

4 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 34.

5 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 36.

e solitários) viverem em sociedade. Nessa obra de Rousseau, assim como em *Noites brancas*, o devaneio não deve ser compreendido como mero isolamento da realidade, mas também como uma consciência política, revelando uma relação muito complexa com o contexto social em que esses artistas viveram. No caso do autor russo, não devemos esquecer que *Noites brancas* data de um período pré-revolucionário e que suas novelas de juventude foram escritas antes de sua prisão na Sibéria. Naturalmente, o espírito utópico e sonhador do jovem Dostoiévski passará por mudanças no decorrer dos anos.

Além dessa obra de Rousseau, encontramos a temática do devaneio em Gaston Bachelard. Em seu livro *A poética do devaneio*, o autor chama a atenção para a diferença entre o sonho da noite e o devaneio do dia: “Não podemos furtar-nos a renovar incessantemente os nossos esforços para assinalar a diferença entre o sonho da noite e o devaneio de uma consciência desperta.”⁶ O devaneio permite ao protagonista um descanso de si mesmo e lhe oferece possibilidades para sonhar (acordado) outras vidas. É como estar em um palco de teatro pronto para experimentar variados enredos.

Quando um sonhador de devaneios afastou todas as “preocupações” que atravancavam a vida cotidiana, quando se apartou da inquietação que lhe advém da inquietação alheia, quando é realmente o *autor da sua solidão*, quando, enfim, pode contemplar, sem contar as horas, um belo aspecto do universo, sente, esse sonhador, um ser que se abre nele.⁷ (grifo nosso).

E é justamente essa situação que percebemos em *Noites brancas*: quando um mundo (o devaneio) se abre dentro do mundo do protagonista, diante do seu encontro com uma moça desconhecida.

6 BACHELARD, 1996, p. 162.

7 BACHELARD, 2008, p. 165.

2. Espaço e ambientação da novela

Na primeira noite, encontramos o sonhador vagando pelas ruas de São Petersburgo. A história se passa na Niévski Prospekt (Avenida Niévski). O protagonista revela uma tristeza singular diante do fato de os habitantes de São Petersburgo estarem viajando para o campo no final da primavera e início do verão: “Comecei a ter medo de ficar sozinho e vaguei durante três dias inteiros pela cidade numa tristeza profunda, sem entender absolutamente o que se passava comigo.”⁸ Observamos que ele, ao mesmo tempo em que busca o isolamento, demonstra medo da solidão. É nesse momento de reflexão, quando seguia seu caminho para casa pela marginal do rio Nievá, que o sonhador se depara com uma moça morena apoiada no parapeito do canal, já tarde da noite, sem ninguém mais por perto. Ele começa a cogitar o porquê de a moça estar ali sozinha. Estaria preocupada com algo, ou será que chorava? Decide aproximar-se dela, mesmo nunca tendo estado com uma mulher antes, exceto em seus devaneios. E então confessa-lhe: “Sou um solitário.”⁹ Os dois jovens iniciam uma amizade que perdurará por quatro noites. Ambos entabulam conversas como se já se conhecessem há tempos.

– [...] Já tenho vinte e seis anos e nunca tive ninguém. Ora, como posso falar bem, com habilidade e de forma adequada? Será melhor quando eu tiver revelado e esclarecido tudo... Eu não sei calar quando o coração fala dentro de mim. Bem, é a mesma coisa... Acredite, nenhuma mulher, nunca, nunca! Nenhum conhecido! Apenas sonho todo dia que cedo ou tarde encontrarei alguém enfim. Ah, se a senhorita soubesse quantas vezes fiquei apaixonado dessa forma!...

– Mas como, por quem foi?

– Ora, por ninguém, por um ideal, por aquela que me aparecia em sonho. Crio romances inteiros em meus devaneios.¹⁰

8 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 11.

9 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 20.

10 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 20-21.

A história apresenta dois personagens principais – o rapaz de vinte e seis anos, que se autodenomina “sonhador”, e a moça, Nástienka, de dezessete anos, que está enamorada de outro. Na primeira noite os dois se encontram na ponte. Além dos dois, podemos destacar também a cidade como personagem. Há todo um imaginário urbano que envolve São Petersburgo com suas inesquecíveis pontes, canais, o rio Nievá e a famosa avenida Niévski. A cidade da cultura e palco dos grandes escritores russos representa uma espécie de elo entre a Rússia e a Europa.

Observemos a forma como o narrador adentra intimamente a natureza petersburguense, comparando a cidade a uma moça que passa despercebida diante do olhar indiferente alheio, porém, na primavera, revela toda a sua beleza. A cidade e a jovem mulher são amalgamadas na descrição precisa do narrador:

Há algo inexplicavelmente comovedor em nossa natureza petersburguense quando, com a aproximação da primavera, ela mostra de repente todo o seu vigor, todas as forças que lhe concedeu o Céu, e se cobre de veludo, se embeleza e se adorna com as flores... Involuntariamente ela me faz recordar aquela moça seca e enfermiça, para a qual você olha às vezes com piedade, às vezes com uma certa compaixão, e às vezes sequer a percebe, mas que de repente, num instante, de modo involuntário e inexplicável, aparece surpreendentemente bela; e você, pasmo e encantado, sem querer pergunta a si mesmo: que força fez esses olhos tristes e pensativos brilharem com um fogo assim? O que trouxe sangue para essas faces pálidas e ressequidas? O que regou de paixão esses traços delicados do rosto? Por que arfa esse peito? O que trouxe tão subitamente a força, a vida e a beleza para o rosto dessa pobre moça, fazendo-o brilhar com um sorriso assim e animar-se com um riso tão brilhante e ardente?¹¹

A símile entre cidade e mulher descreve São Petersburgo como uma cidade sedutora que atrai o olhar do caminhante-sonhador, uma cidade/mulher que passa por certa metamorfose com o fim da primavera e a proximidade do verão. Contudo, essa descrição entusiasmada do narrador termina com

11 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 16.

um tom nostálgico e melancólico, como uma advertência, já sinalizando para o desfecho do enredo: “Você lamentará que a beleza de um instante tenha se esgotado tão rápida e facilmente, que ela tenha brilhado de forma tão ilusória e inútil na sua frente – lamentará até mesmo não ter tido tempo de amá-la...”¹²

Assim como a cidade foi “idealizada” pelos russos, ela agora é “imaginada” pelo sonhador que conhece muito bem suas avenidas, pontes, ruas, casas, habitantes. Sabemos, é claro, que não se trata de um olhar ingênuo de admiração pela cidade. Dostoiévski tinha o olhar crítico para a rápida modernização e europeização de São Petersburgo. Isso pode ser visto na forma como o protagonista contempla as casas com certa nostalgia ao saber que muitas estavam sendo pintadas ou remodeladas para a chegada do verão.

Como pudemos observar, o cenário nas obras de Dostoiévski, em sua maioria, é caracterizado por lugares escuros e ambientes fechados – prédios, salões, quartos sujos e miseráveis, a exemplo do cubículo na pensão onde vive Raskólnikov, ou das tabernas e ruas escuras por onde caminha o jogador. Enfim, dificilmente temos histórias narradas a céu aberto, com um tom utópico e sonhador, como identificamos em *Noites Brancas*. Luigi Parayson atenta para a preferência do romancista russo por espaços fechados, porém reforça que para ele a geografia russa possui

um solo carregado de memórias humanas e uma substância mística, densa de espiritualidade. Nem Dostoiévski desdenha de descrever a cidade – é memorável a sua descrição de Petersburgo – irreal e incerta com os seus palácios envoltos pela nevoa de outono, com as suas alucinantes noites brancas; [...]¹³

O espaço é, portanto, crucial para a nossa análise e contribui para a ambientação de fantasia do protagonista. Os diálogos entre os personagens durante as quatro noites narradas se passam na rua, ao longo do canal Fontanka. Ora o casal caminha enquanto conversa, ora sentados em um banco próxi-

12 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 16.

13 PARAYSON, 2012, p. 30.

mo ao cais, mas é fato que sempre estão ao ar livre, como que entregues aos ditames do destino, seguindo passo a passo o desdobramento de seus sentimentos.

A novela se passa na principal avenida de São Petersburgo, onde há muitas pontes. Um elemento importante na paisagem descrita pelo sonhador é a ponte. A paisagem pertersburguense, sabemos, é famosa por suas pontes, elemento constante nas narrativas dostoiévskianas. Ao refletirmos sobre o significado da ponte, vemos que ela funciona como um elo entre os passantes, entre as paisagens ou, ainda, entre dois extremos – o sonho e a realidade. A ponte também é amiga do diálogo, do convite para a conversa. Em São Petersburgo, há pontes simpáticas para pedestres, a exemplo da Ponte da Margem, construída em 1825, com menos de dois metros de largura, o que torna inevitável o encontro dos transeuntes. A ponte representa, sobretudo, o abdicar-se de si mesmo diante do encontro com o outro. Essa é uma característica de alguns personagens dostoiévskianos que olvidam a sua própria individualidade no anseio de pertencer a uma coletividade, de compartilhar do sentimento alheio, pois o importante é adentrar o sentimento do outro. É isso o que acontece com o narrador em relação a Nástienka, a jovem com quem se encontra, na primeira noite, debruçada no parapeito do canal.

Ainda, a ponte simboliza a passagem de um estado de ser a outro. O progresso daquele que caminha, a passagem, a prova, o desafio. Sem dúvida, encontramos uma dimensão moral na narrativa de Dostoiévski, uma transição entre dois estados interiores, a oscilação entre a tristeza e a felicidade.

Outro elemento importantíssimo que compõe e adorna a paisagem do espaço da novela é o fenômeno das “noites brancas”. Devido a sua posição geográfica, com latitude próxima às do Alasca e da Groelândia, São Petersburgo recebe os raios do sol com mais intensidade, o que resulta em dias mais longos e claros, de modo que não chega a anoitecer completamente. O céu permanece branco, com uma aparência leitosa. Os fenômenos dos dias polares e das noites brancas contribuem para o desenvolvimento da navegação solar no hemisfério norte.

3. As seis partes de *Noites brancas*

Passemos agora para a composição da novela e a descrição de cada parte. A narrativa é dividida em seis segmentos: “Primeira noite”, “Segunda noite”, “História de Nástienka”, “Terceira noite”, “Quarta Noite” e “Manhã”. Como sabemos, para o sonhador as noites são mais preciosas que os dias. Na primeira noite, encontramos o narrador flanando pelas ruas de São Petersburgo, revelando ser um bom conhecedor da cidade, de sua gente, de suas casas, enfim, percebemos uma geografia sentimental da natureza petersburguense na descrição:

As casas também são minhas conhecidas. Quando caminho, é como se todas avançassem para a rua em minha direção, olhassem para mim com todas as suas janelas e quase dissessem: “Bom dia, como vai sua saúde? Eu estou bem, graças a Deus, e em maio vão me aumentar um andar”. Ou: “Como está sua saúde?” “Amanhã vão me reformar.”¹⁴

O sentimento de melancolia e alegria do narrador oscila conforme a mudança da paisagem, das reformas das casas, e os diversos tipos de moradores da cidade com quem se depara na sua caminhada: “Claro, eles não me conhecem, mas eu os conheço. Eu os conheço intimamente; já quase fixei suas fisionomias – agrada-me admirá-los quando estão felizes, e me entrego à melancolia quando se tornam sombrios.”¹⁵

Por volta das dez horas da noite, ao se encaminhar de volta para casa, o encontro com Nástienka mudará de forma definitiva o estado de espírito do sonhador: “Dois minutos, e a senhorita me fez feliz para sempre.” (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 24). Ele conta à desconhecida um pouco de si ao pedir-lhe que o reencontre na noite seguinte: “[...] não posso deixar de vir aqui amanhã. Sou um sonhador; tenho tão pouca vida real que momentos assim, como este, me são tão raros que não posso deixar de reproduzi-los em meus devaneios.”¹⁶

14 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 12.

15 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 12.

16 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 23.

Na segunda noite, os dois se encontram novamente às dez horas. Não é somente a solidão abocanhando o calcanhar dos personagens que os torna almas afins, mas, sobretudo, o fato de serem sonhadores. Ambos relatam que vêm passando toda a sua existência em casa. Ele, preso a sua imaginação; ela, presa por alfinetes à saia da avó cega, que queria reter a neta ao seu lado:

Ela é cega e por toda a vida nunca me deixa sair, tanto que já desaprendi a falar quase totalmente. E quando dei uma escapulida, dois anos atrás, ela percebeu que não podia deter-me; daí me chamou e prendeu meu vestido ao dela com um alfinete, e desde então, ficamos assim dias inteiros; a avó faz meias, apesar de cega, e eu fico ao seu lado cosendo ou lendo um livrinho em voz alta para ela. E que hábito estranho é este de ficar pregada já há dois anos...¹⁷

Enquanto a moça é proibida de sair de casa, o protagonista apresenta um relato de si mesmo justificando que, apesar de não ter semelhante avó nem alfinetes que o prendam a um lugar, ele persiste na sua reclusão devido à forte tendência à fantasia, o que o torna um tipo sonhador:

– Escute, a senhorita quer saber quem eu sou mesmo?

– Bem, sim, sim!

– No sentido estrito?

– No sentido mais estrito!

– Pois bem: eu sou um tipo.¹⁸

– [...] Um sonhador, se é necessária uma definição detalhada, não é um homem, mas sim, sabe, uma criatura de gênero neutro. Na maioria das vezes ele habita um recanto inacessível, como se quisesse esconder-se até da luz do dia, e uma vez que se recolhe a sua casa, gruda-se em seu canto como um caracol; ou pelo menos nesse aspecto ele se parece muito com aquele animal interessante, que é animal e casa ao mesmo tempo e que se chama tartaruga. Por que a senhorita acha que ele ama tanto as suas *quatro paredes, pintadas infalivelmente de verde*, fumadas, melancólicas e insuportavelmente enegrecidas pela fumaça? (grifo nosso)¹⁹

17 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 28.

18 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 28.

19 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 30.

E aqui destacamos, novamente, o elemento do espaço na novela. Dessa vez não se trata de um espaço aberto, a exemplo da urbe que abriga as casas e os personagens, mas espaços de constrição representados por dois animais. A tartaruga e o caracol parecem simbolizar com perfeição a solidão do sonhador e a criatividade inerente ao seu ser. Sem necessidade de buscar algo do lado de fora, o sonhador é o autor de sua própria vida, encontra tudo dentro de si, sendo ele sujeito e abrigo ao mesmo tempo. Abriga-se na sua interioridade e se esconde do real exterior. Não é por acaso que as paredes verdes do casco da tartaruga são descritas pelo narrador. Se voltarmos ao início da novela, encontraremos semelhante descrição do protagonista ao reproduzir a sua casa:

Na rua me sentia mal [...], e em casa eu ficava fora de mim. Fiquei me questionando por duas noites: o que estará faltando em meu canto? Examinava com perplexidade *minhas paredes verdes enegrecidas*, o teto coberto por teias de aranha, [...] (grifo nosso)²⁰

A símile é clara entre o sonhador e a tartaruga. A inquietude do sonhador causa-lhe insatisfação seja dentro ou fora de casa. Seu refúgio é o pensamento, o devaneio, as leituras. Os dois personagens são leitores, fiam todo o seu tempo em leituras e imaginam como seria a vida recriada e reproduzida por suas consciências. Para reforçar o repertório de leitura dos nossos sonhadores, informamos que a moça lê Scott, Ivanhoe e Púchkin, semelhante ao protagonista, também leitor de Púchkin, Scott, além de mencionar Hoffmann e Jukóvski, dentre outros.

Nessa segunda noite, o protagonista apresenta um relato de si mesmo e passa a narrar sua vida em terceira pessoa para causar um efeito de distanciamento e menos intimidade, já que revelar o seu cotidiano de sonhador para a moça desconhecida é algo desconcertante: “Permita-me, pois, Nástienka, contar na terceira pessoa, porque é terrivelmente vergonhoso contar tudo isso na primeira pessoa.”²¹ Essa noite é a mais longa da novela, talvez porque nela o narrador revele a Nástienka

20 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 13.

21 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 33.

os seus sonhos. A noite branca apresenta-se, assim, como um sonho dentro do sonho presente da narrativa.

Na terceira noite temos o relato da moça sobre a sua vida. Orfã desde os onze anos, permanece aos cuidados da avó. Certa vez a avó teve como inquilino um homem por quem Nástienka se apaixonou. Ao partir de São Petersburgo ele lhe prometeu retornar em um ano para desposá-la. Eis o motivo de ela caminhar pela ponte nessas noites, na expectativa de reencontrar o seu primeiro amor, pois já completa um ano de sua partida. Percebendo que o noivo não aparece, a moça expõe a sua ansiedade para o seu novo amigo e confidente, o sonhador, tomando-o como um verdadeiro irmão, sem imaginar que ele já esteja se enamorando dela.

A quarta noite é um misto de júbilo e decepção. Júbilo para a moça e decepção para o narrador. Ocorre que Nástienka pensa ter sido desprezada pelo noivo que prometera regressar a São Petersburgo após um ano. Ela está ciente de que o mesmo se encontra na cidade, porém ainda não foi procurá-la. Desiludida, a moça deixa-se levar pela amorosidade do sonhador, que lhe confessa seu amor. Ela se sente disposta a esquecer o noivo e corresponder aos sentimentos do sonhador. Porém, ao caminharem juntos ao longo da avenida, de repente o noivo os surpreende. Nástienka corre para os braços dele sem conseguir disfarçar a sua alegria.

A manhã seguinte traz o narrador-sonhador de volta à realidade. Diferente das palavras entusiasmadas do caminhante na paisagem de Petersburgo na abertura da novela (“Era uma noite maravilhosa”) agora temos a interrupção do seu devaneio amoroso. Agora ele está dentro de casa, como o caracol que retorna a sua concha, ou a tartaruga que se recolhe dentro do seu casco: “Minhas noites terminaram pela manhã. O dia estava ruim. A chuva caía e batia melancolicamente em minhas vidraças; no quarto estava escuro, lá fora encoberto.”²² Ao despertar no seu quarto, ele recebe uma carta de Nástienka trazida pelo carteiro. A mensagem era um pedido de desculpas por ter dado esperanças e iludido o sonhador. A moça

22 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 79.

reencontra o seu noivo que, afinal, não a abandonara com o passar de um ano, como ela havia pensado. Nástienka informa que se casará dentro de uma semana, mas que jamais irá esquecê-lo. Pede-lhe, portanto, que continue amando-a como a uma amiga, uma irmã.

Mesmo que tudo tenha se apagado diante de seus olhos e que o mundo tenha se tornado cinzento como antes do encontro nas “noites brancas”, mesmo que o futuro lhe pareça enfadonho e triste, o protagonista não se sente ofendido. Ele demonstra contentamento diante da felicidade de Nástienka, pois o seu coração pode ser solitário, mas jamais egoísta: “Que seja claro o seu céu, que seja luminoso e sereno o seu lindo sorriso; abençoada seja você pelo momento de júbilo e felicidade que concedeu a um coração solitário e agradecido!”²³

O sonhador sente-se em vantagem por ter tido a sua rotina modificada por aquelas noites brancas em companhia de Nástienka. O final não é trágico, na verdade ele teve a oportunidade de fazer o seu primeiro contato com a “realidade” em companhia da moça. Como sugere Joseph Frank, em seu texto “A realidade e o sonhador”,

Noites brancas destaca-se do universo tragicômico e satírico das suas primeiras obras pela leveza e delicadeza do seu tom, pela atmosfera de primavera, emotividade adolescente e pela graça e inteligência das suas bem-humoradas paródias.²⁴

Considerações finais

Somos cientes da diversidade de interpretações sobre *Noites brancas*. A novela oferece diferentes leituras e possibilita um intercâmbio entre filosofia, teoria literária, crítica textual, e assim por diante. Neste ensaio, privilegiou-se a temática do sonhador amparada pelo espaço e sua simbologia em determinadas passagens do texto. Sobre o espaço na narrativa, foi

23 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 82.

24 FRANK, 2008, p. 434.

importante notar que o protagonista não é somente um observador da urbe onde vive. Ele é, sobretudo, o construtor da paisagem petersburguense com um misto de real e fantasia. São Petersburgo possui uma feição grandiosa e moderna para os russos e, conseqüentemente, para as obras literárias, a exemplo de *Noites brancas*. Vimos que o espaço narrativo é utilizado como um recurso decorativo do imaginário do protagonista. A descrição das casas de forma humanizada, como se cada uma fosse uma pessoa, com singularidade, além da descrição romântica da moça morena em meio às famosas “noites brancas” da cidade atinge uma dimensão simbólica de grande utilidade ao contexto narrativo do sonhador.

Observamos a pouca importância do passar das horas para o sonhador. Sua caminhada errante pela cidade segue um tempo interno, o tempo da alma em devaneio. Afinal, se o presente (o instante presente do devaneio) é o que há de mais valioso, aquele que sonha entrega-se ao instante da fantasia e da imaginação. Estas se alimentam do agora, onde o passado já não deixa nenhum vestígio e o futuro pouca importância tem. O sonhador, enclausurado no presente de sua consciência, como vimos na simbologia da tartaruga e do caracol, reinventa a realidade e mergulha em pensamentos que lhe oferecem inúmeras possibilidades de vivenciar maravilhas das quais o mundo lhe priva. Enquanto que a vida real lhe é vedada, no devaneio a vida é constantemente renovada a cada minuto de modo a salvá-lo, ainda que por alguns instantes, do tédio e da monotonia da rotina.

De outra maneira, o nosso sonhador por vezes chega a confessar que a vida e o sonho são inseparáveis ao perceber que os sonhos nascem da vida. E aqui encontramos uma reflexão, sugerida pela própria narrativa, de que a ficção e o real são duas faces da mesma moeda que seguem juntas. Resta saber se dosamos bem os dois lados desta moeda, a qual chamamos vida, e se o tempo do sonho é equilibrado com o tempo da vida.

É certo que o encontro dos personagens, durante as quatro noites, salva-os da solidão e lhes oferece uma reconciliação com a realidade. Ambos relatam sua história um para o outro.

O próprio narrador chega a afirmar que perdera os melhores anos de sua vida isolando-se do mundo, preenchendo a sua imaginação de sonhos e refutando o real. O diálogo com Nástienka, como se fora um sonho, proporciona-lhe momentos de felicidade: “A senhorita sabe que me reconciliou por muito tempo comigo mesmo?”²⁵

O final não poderia ser interpretado como um tom triste e trágico, pois é visível o desprendimento do sonhador diante do fato de Nástienka já estar apaixonada por outro. Não há um melodrama diante disso. As próprias palavras da moça enaltecem o sentimento nobre e a atitude do sonhador: “– O senhor, por exemplo, não é como os outros! Na verdade não sei como lhe contar o que sinto; mas parece-me que o senhor, por exemplo...ainda agora... parece que o senhor sacrifica algo por mim.”²⁶

Em outro momento, deparamo-nos com o sentimento de irmandade e fraternidade entre os dois. Mais uma vez, isso é exposto no discurso da moça, talvez para sugerir certa impessoalidade por parte do narrador, pois soaria estranho, como um autoelogio. Assim, é na voz de Nástienka que temos uma breve reflexão sobre como as pessoas, de modo geral, são dissimuladas e egoístas, porém os dois sonhadores tratam-se com sinceridade:

Escute, por que nós todos não somos como irmãos? Por que parece sempre que até o melhor dos homens esconde algo do outro e se cala diante dele? Por que não dizer logo, diretamente, o que está no coração, se sabemos que não serão palavras ao vento?²⁷

E aqui temos, ainda que sutilmente, a problemática da moral em Dostoiévski. Chamamos a atenção para o sentimento de irmandade, bem como a capacidade de penetrar e compreender o comportamento humano, sempre favorecendo a verdade e a liberdade. Sendo assim, é natural que o sonhador não entre em desespero e rebeldia diante da desilusão amorosa.

25 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 42.

26 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 64.

27 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 64.

De forma resignada e serena, ele compartilha da felicidade de Nástienka ao saber do seu noivado.

Nesta breve análise da novela foi possível explorar a relação entre a literatura e o sonho, compreendendo que aqui tratamos do sonho enquanto devaneio, conforme vimos por meio do pensamento de Bachelard. Trata-se da criação de um *cogito* que abre espaço para a reflexão, a meditação, a fantasia. Afinal somos todos leitores, criadores, sonhadores, exploradores do nosso consciente, observadores e críticos do mundo onde vivemos. A ficção oferece-nos, portanto, oportunidades de habitarmos realidades paralelas à nossa.

Vimos que a riqueza do sonhador é o acúmulo de experiências, o conjunto de sua própria vida. Assim, o protagonista evita o sentimento de amargura ou desilusão ao final da novela, pois as noites brancas, mesmo sem o desfecho romântico esperado, representarão sempre noites singulares na sua existência errante, conforme confessa: “Meu Deus! Um momento inteiro de júbilo! Não será isto o bastante para uma vida inteira?...”²⁸

Concluimos este ensaio, com uma pequena provocação. Recordemos que o narrador abre a novela como quem narra um sonho: “Era uma noite maravilhosa, uma noite tal como só é possível quando somos jovens, caro leitor.”²⁹ Não seria este início já um indício para a compreensão de nós, leitores, de que também essa novela não fora mais um devaneio do narrador? No início ele confessa a Nástienka que só havia encontrado pessoas em seus sonhos e que por toda a vida tinha sido um homem só. Seria, então, o encontro na ponte simplesmente mais outra ficção criada pela sua mente? Seriam aquelas especiais noites brancas pura imaginação do nosso herói dostoiévskiano?

28 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 82.

29 DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 11.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Noites brancas: romance sentimental (das recordações de um sonhador)*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Obra completa*. Volume I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- FRANK, Joseph. "A realidade e o sonhador". In: *Dostoiévski: As sementes da revolta, 1821 a 1849*. São Paulo: Edusp, 2008.
- PAREYSON, Luigi. *Dostoiévski: filosofia, romance e experiência religiosa*. São Paulo: Edusp, 2012.
- ROSENSHIELD, Gary. "Point of View and the Imagination in Dostoevskij's *White Nights*". *The Slavic and East European Journal*, 1977, Vol. 21, n.º 2 (Summer), pp. 191-203.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Os devaneios do caminhante solitário*. São Paulo: Edipro, 2018.

Recebido em: 14/09/2021

Aceito em: 30/11/2021